



ESTÁGIO DE PSICOLOGIA EM 2020: ANGÚSTIAS E SEUS DESTINOS

Ana Eduarda Wisniewski Jabs¹, Naillê Belmonte Trindade², Marjorie Machado³

¹Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Estagiária de Psicologia, Anaewjabs@hotmail.com

² Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Estagiária da Psicologia, naille_bt@hotmail.com;

³Coordenadoria Municipal da Mulher de Santo Ângelo, Psicóloga, marjorie.psiq@gmail.com;

Resumo: O presente relato de foi produzido a partir de práticas de estágio curricular do curso de Psicologia da Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus Santo Ângelo, em parceria com a Coordenadoria Municipal da Mulher, do mesmo município. Tem como base temática a realização do estágio em contexto da pandemia do Coronavírus, em 2020. Devido a situação preventiva de distanciamento social, o trabalho acadêmico foi desenvolvido inteiramente online, proporcionando novas experiências de práticas e sentimentos decorrentes da situação vivenciada.

Palavras-chave: Estágio online, Pandemia, Angústias, Violências.

1. Introdução

O que nos acompanhou ao longo do estágio supervisionado, no ano pandêmico de 2020, foi a angústia. O conceito desse termo a partir do escrito de Freud, em seu texto “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/2020, p. 71) a “[...] Angústia designa um certo estado tal como o de expectativa do perigo e preparação para ele, mesmo que este seja desconhecido; [...]”. “Na angústia há algo que protege contra o terror [...]” (FREUD, 1920/2020, p.73).

Sentíamos angústia, pois não sabíamos como seria essa experiência de construção de um fazer com a psicanálise, em que se trabalha com narrativas subjetivas e, especialmente nesse ano, faríamos tal exercício à distância, integralmente online. Registro inédito para acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade local e para supervisoras.

Iniciamos a relação transferencial, em que “transferência é o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. [...] sua extensão tornou-se larga, ao ponto de designar o conjunto de fenômenos que constituem a relação paciente-analista” (LAPLANCHE; PONTALIS, apud PÖLKG, 2008, p. 45), supervisora e supervisionandas, em um momento de muita insegurança quanto às restrições,





devido à pandemia do COVID-19, que estariam colocadas para desenvolvermos essa prática. Foi preciso construir e reconstruir ideias de intervenções. Contudo, o período foi de muito aprendizado e elaboração de experiências interpessoais, no campo do trabalho de modo online.

Aprendemos a usar ferramentas de encontros online e, a partir disso, construímos a prática de grupo com mulheres trabalhadoras, auxiliares de serviços gerais, de escolas da rede estadual. Tal recorte de sujeitos participantes foi possível em decorrência de um equívoco da comunicação por telefone, a qual possibilitou essa configuração inédita a partir da Coordenadoria Municipal da Mulher. Ganhamos. A experiência de possibilitar lugar de fala para essas mulheres, direcionar o olhar e a escuta a elas, que muitas vezes ficam invisibilizadas nas suas práticas profissionais, nos agregou a possibilidade rica de escutar a subjetividade. Dessa forma, consideramos que todas as envolvidas puderam se beneficiar da experiência. Foi possível edificar diálogos acerca das diversas histórias do ser mulher e, na sua pluralidade de funções, em que se comprometem a cumprir, as consequências simbólicas que cada uma pode compartilhar referente às narrativas de vidas.

Concretizada a ideia de grupos online, partimos para uma nova formação de prática de estágio e, conseqüentemente, desenvolvemos formas de aprender com o outro, através de duas ações: participar do projeto “Bem-me-vi: fortalecendo laços, compartilhando potencialidades” e da organização e realização da campanha dos 21 dias de ativismo pelo fim da violência contra mulheres, referente ao ano de 2020. A partir dessa aceitação, uma das estagiárias nos surpreendeu com seus dons artísticos e criou a arte que representa o projeto. Artista múltipla, para além de estagiária sensível à escuta do outro, criou também um poema, o qual nos inspirou a nomear o programa. Foi preciso nos reinventarmos para construirmos diques condutores à manutenção da transferência em tempos de distanciamento. Filmagens de narrativas, entrevistas online, encontros via plataformas digitais, troca de cartas entre instituição e pacientes, preparação de kits literários para confecção de cartas e contos, foram alguns dispositivos que encontramos para manter a tessitura do tratamento psicoterapêutico entre mulheres, a partir das tangentes com a violência contra a mulher.

Outros grupos de mulheres também tiveram nossos ouvidos e nossos olhares à disposição, tais como as professoras da rede municipal de Ensino e, aí não só mulheres, mas homens também, equipes trabalhadoras da atenção básica da saúde municipal. Pudemos





trabalhar com capacitação sobre o vasto campo que envolve a violência de gênero. Faz-se relevante clarificar que havia prévia determinação de que o estágio fosse realizado de modo temático, sobre violência contra mulheres.

Foi possível, perceber, a partir dessa experiência, que a “garantia de perfeição ou de talento, aliás, não existe em nenhum lugar, em nenhuma profissão” (ROUDINESCO, 2018, p. 46). Contudo, a necessidade de acompanhar as demandas culturais a darem seguimento à escuta do sujeito, ao encontro com o outro, devem ser atualizadas para quem se coloca nesse lugar do fazer profissional e ético. Considerando a ética Psicanalítica, o estágio e aprendizagem do fazer profissional deveriam ter continuidade, pois, havendo a condição transferencial para o trabalho acontecer, não haveria motivos para a não realização. O que não nos exime de *con-viver* com tempos de angústia em diferentes intensidades.

Em 2020 era o ano em que começaríamos os estágios profissionalizantes, mas a pandemia do Covid-19, que estava se disseminando pelo mundo e ganhando força no Brasil, veio para dificultar esse momento. Foram muitos meses em estágios trancados, entre uma permissão de estagiar de forma online e logo após outra proibindo, onde tivemos que ficar paradas por muito tempo. O medo de atrasar a faculdade, o medo dos estágios online e a preocupação de estágios presenciais eram frequentes em nossos pensamentos.

Particularmente, não entendíamos a dimensão do problema que estava por vir. Pensávamos mais sobre como seria o início dos estágios profissionalizantes, do que se o vírus ganharia força no Brasil. Estávamos com grandes expectativas de como realizaríamos nosso trabalho, pensávamos que 2020 seria um ano crucial para nós, e foi, mas não da maneira que imaginávamos.

2. Metodologia

Em uma reunião de agosto, o início dos estágios foi confirmado. Vimo-nos na obrigatoriedade de começar e estávamos inseguras sobre essa decisão, pois não gostaríamos de prejudicar nossas práticas profissionais desenvolvendo um estágio virtual, mas também não queríamos atrasar um ano da graduação, então arriscamos e decidimos que enfrentaríamos essa situação. Depois de muitas reuniões onde todos os estagiários conversavam com os professores,





os quais nos auxiliavam em nossas dúvidas e tentavam nos acalmar, dar-nos suporte falando com cada local de estágio e nos orientando como prosseguir, delineamos uma maneira possível de estagiar. E, enfim, iniciamos as práticas.

Nesse entremeio, ouvíamos as inquietações de colegas que relatavam diversos contratempos que dificultavam o desenvolvimento dos estágios, sentíamos-nos impotentes e ao mesmo tempo culpadas, queríamos poder fazer algo para ajudar, gostaríamos que tivessem a mesma “sorte” que tivemos. Uma sensação de amargura se fez presente em nossos sentimentos ao saber das atribuições sentidas por amigas e amigos que adiaram o sonho da graduação.

Reconhecendo nosso privilégio, continuamos trabalhando com afinco, porém a cada novo encontro de estágio surgiam as dúvidas: “Como ia acontecer este estágio? Como nossas primeiras experiências profissionais vão ser online? Como atender online? Somos capazes de adquirir um bom resultado à distância? Como será a relação produzida virtualmente? Daremos conta das questões que aparecerem? Nosso conhecimento é suficiente? Como iríamos ser orientadas por alguém que nunca tínhamos visto pessoalmente? Será que teremos demandas?” Esses eram pensamentos frequentes que faziam com que, ora duvidássemos da nossa capacidade, ora nos sentíssemos impulsionadas aos estudos.

Após algumas reuniões e a divulgação dos convites para os grupos online, a data de início foi estipulada e junto com ela a ansiedade, a preocupação e a insegurança de coordenar um grupo de forma online acompanharam nossa trajetória inicial. Será que as participantes irão interagir? Será que vamos conseguir fazer nosso papel no grupo de maneira efetiva? As dúvidas e incertezas eram muitas, mas logo que começamos os grupos elas foram desaparecendo e a vontade de fazer aquilo e estar ali, mesmo que virtualmente, era imensa.

3. Análise das atividades

Desenvolvendo os estágios, diversas questões ligadas ao Coronavírus apareciam, tais como: narrativas de preocupação em relação ao vírus, a constante vigilância e cuidados que pareciam não garantir qualquer segurança contra o contágio, o cansaço devido à confusão da jornada de trabalho que invadia os lares, a avalanche interminável de atividades online e as atividades de lazer que se findaram bruscamente em função do isolamento social, fazendo com





que as pessoas tivessem que buscar alternativas para a descontração e descanso em casa, aprendendo a conviver consigo mesmas. Por não saber diferenciar a rotina de aulas, estudos e estágios em casa, misturavam-se com as horas em que devíamos estar descansando, fazendo com que repetidas vezes nos sentíssemos esgotadas, em que nos invadia uma vontade de chorar e sair correndo, mas que não poderíamos abandonar aquilo que nos propúnhamos a fazer. A partir de estudos que sugerem que “o medo de ser infectado por um vírus potencialmente fatal, de rápida disseminação, cujas origens, natureza e curso ainda são pouco conhecidos, acaba por afetar o bem-estar psicológico de muitas pessoas” (ASMUNDSON, TAYLOR, 2020; CARVALHO et al., 2020 apud SCHMIDT, 2020, p. 3).

Como houveram atrasos para o início dos estágios, emendamos o fim de um e o início de outro. A referida ocorrência não nos proporcionou férias, mas sim muito trabalho entre a entrega de um relatório final e a construção de um novo começo. Desta forma as mesmas preocupações surgiram outra vez, atravessadas de mais inquietações, pois chegava a época do ano na qual muitas pessoas reservam para fechamento de atividades e descanso, ocasionando em uma baixa procura na atividade proposta para o novo tempo de estágio. Contudo, ao início do mês de fevereiro de 2021, encerramos o estágio online com a certeza de um trabalho bem desempenhado, onde foram trabalhados temas relevantes sobre a violência de gênero, com profissionais da educação.

4. Conclusão

Superados alguns obstáculos para a realização dos estágios, outros permanecem e continuam exigindo discernimento, fazendo com que nos deparemos pensando sobre a jornada percorrida até aqui e sobre os desafios que exigiram atitudes e posicionamentos, auxiliando no nosso processo de amadurecimento, como pessoas e como acadêmicas. A experiência complexa da vida de estudantes e estagiárias na pandemia, proporcionou novos olhares que produziram em nós diferentes formulações e concepções de mundo, de valia inestimável, ressignificando sentimentos e situações e possibilitando uma desconstrução pessoal.

As práticas de estágio possuem particularidades advindas das temáticas abordadas, principalmente em contextos institucionais, trabalhando questões que podem ser causadoras de





angústias para àquelas profissionais que são assistidas e que demandaram da prática psicológica ofertada no estágio, em que falar sobre violência de gênero e violência intrafamiliar, estando em um cenário pandêmico, parece ser ainda mais desafiador. Bandeira (2017) fala que:

“O ato de escrever sobre situações de violências, e com especificidade sobre a violência contra a mulher e de gênero, não é um fim em si mesmo, nem apenas um exercício de estilo livre. Requer um envolvimento emocional, afetivo e um compromisso intelectual particular e político de quem escreve, pois a violência é em si uma ‘força perturbadora’, um ‘poder inquietante’”. (p.16).

Observa-se então que as narrativas trazidas a partir das propostas desenvolvidas no estágio, transformaram e revelaram forças, tanto em nós, estagiárias, como nas participantes, auxiliando e permitindo compreensões, construções e ressignificações.

Após tantas incertezas de um começo e a insegurança de um trabalho a ser bem realizado, encerramos essa fase de estágios profissionalizantes online, com a certeza de que, mesmo à distância, somos capazes de realizar um bom trabalho, fazendo diferença na vida das pessoas. O estágio online proporcionou muitas inquietações que nos alavancaram na nossa futura profissão, onde sabemos que podemos sim enfrentar os diversos empecilhos que nos são postos e desenvolver um trabalho que auxilie em nossas construções profissionais, afinal, assim como nossa supervisora fala, “o medo, ou te prepara, ou ele te paralisa”.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. M. Violência, gênero e poder: múltiplas faces. In: STEVENS, C. et al (orgs). **Mulheres e violências: interseccionalidade**. Brasília: Technopolitik, 2017.

FREUD, S. **Além do Princípio do prazer**. São Paulo: Autêntica. 2020.

PÖLKING, M. P. H. Transferência e contratransferência - fenômenos da relação analítica. In: **Escuta analítica: inícios de uma prática**. BRAGA, E. C.; LARA L. M. (Orgs.). Porto Alegre: SIG, 2008.

ROUDINESCO, E. Retraimento individual e mal-estar coletivo. In: JORGE, M. A. C. (org.). **Lacan e a formação do psicanalista**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018.

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 37, 2020.

